

Um Édipo tupiniquim?

o inconsciente na cultura

Marcia Simões Corrêa Neder Bacha

No inconsciente, o infantil e o intelectual se articulam estreitamente com o feminino. Este obstáculo se interpõe entre o adulto e a criança e na relação que homens e mulheres estabelecem com a razão.

"Tupi, or not tupi, that is the question"

Oswald de Andrade. *Manifesto Antropófago*

O diabólico exorcizado ou a criança inocentada

Que a psicanálise seja mais do que uma técnica para curar neuroses não é lá nenhuma novidade. Desde Freud essa "velha senhora" não para de se intrometer em campos da criação humana que estão bem além da psicopatologia. Sua obra é testemunha das vias abertas à contribuição psicanalítica para a compreensão desses campos diversos.

Uma consulta rápida ao *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*, editado por Pierre Kaufmann, mostra quão amplamente a *peste* se alastrou. São vinte e cinco

os campos de investigação da psicanálise ali alinhados, da arte à política passando pela medicina, arquitetura, economia, sociologia, etnologia, publicidade, criminologia, religiões, filosofia, história e educação, para só citar alguns.

No seu *Freud para historiadores*, Peter Gay toma Freud como um guia no passado, e considera a psicanálise um "estilo instruído de pesquisa" que "sugere questões que ninguém havia pensado em formular". Com o método psicanalítico ele tenta entender e interpretar a cultura, especialmente a cultura burguesa do século

Marcia Simões Corrêa Neder Bacha é doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, coordenadora da linha de pesquisa *Psicanálise e Cultura* do Programa de Estudos Pós-graduados em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e autora de *Psicanálise e Educação. Laços Refeitos* (Casa do Psicólogo/UFMS).

XIX, atribuindo-lhe várias de suas descobertas. Diz que sentimentos e desejos são suficientemente reais para serem causas da história, estando profundamente investidos na vida pública.

A crítica freudiana da cultura incide sobre as imagens que a civilização faz de si. O complexo de Édipo, que faz da criança um ser possuído por impulsos e desejos incestuosos, parricidas e matricidas, abala a inocência infantil e a mãe santificada, que se tornariam um lugar comum no Ocidente a partir do século XVIII.

Agora a maternidade se torna um sacerdócio e através dela a mulher acede à condição de santa. Desde que seja tão reclusa em casa quanto a religiosa no seu claustro, e que aceite reinar sobre o interior renunciando aos prazeres da vida mundana.

A santa gera um santo. O filho gerado é Deus e a relação mãe-bebê, que tem na oralidade o seu eixo, é descrita nos termos da devoração eucarística. Antes, diz Michelet no século XIX, o filho se alimentou dela, mas “agora é ela que se alimenta dele, absorve-o, bebe-o e come-o (como o cristão come simbolicamente o corpo de Cristo)”; a criança recebe a vida e absorve a mãe. “Se a criança não fosse Deus, se a relação com ela não fosse um culto, ela não viveria. É um ser tão frágil que jamais teria sido criado se não tivesse tido nessa mãe a maravilhosa idólatra que o diviniza, que torna doce e desejável para si imolar-se por ele.”¹

O pai, centro absoluto da família até o século XIX, é deslocado por *bis majesty the baby*, e pulverizado em inúmeras instituições encarregadas de representá-lo. Dentre elas a escola leiga e obrigatória. Vencido pelo parricida, o tirano agressivo revela sua face afetuosa.²

Ariès caracteriza a família moderna pelo “amor obsessivo” por essa criança que reinará absoluta no espaço doméstico. E argumenta que

a escola viria *preservar* a pureza infantil recém-descoberta pelo amor que os adultos agora lhe dedicam.

Quão distantes estamos do mundo antigo, quando a procriação é coisa do diabo! Pelo menos para o *maniqueísmo*, seita a que pertenceu Santo Agostinho, o “*perseguidor dos recém-nascidos*”³, antes de se tornar cristão e vir a combater com ferocidade seu cativo juvenil nas seduções de Fausto, o bispo

O filho gerado é Deus e a relação mãe-bebê, que tem na oralidade seu eixo, é descrita nos termos da devoração eucarística; a criança recebe a vida e absorve a mãe.

dos maniqueístas. A seita, fundada pelo persa Mani (nascido em 216 d.C.), foi proibida pelo Estado romano porque pregava o aborto e a contracepção. Foi, segundo Uta Ranke-Heinemann, o último movimento religioso no Oriente, depois do cristianismo e antes do islamismo.

Agostinho, Ambrósio e Tertuliano vêem na criança, a mãe;

têm aversão à maternidade e não se preocupam em ocultar a repulsa que ela evoca. Inocêncio descreve a criança no ventre como uma espécie de vampiro que se nutre do sangue menstrual; por isso a gestação interrompe a menstruação. Esse sangue “detestável e impuro”, que alimenta o bebê, estanca o desenvolvimento das frutas, seca árvores e pomares e, “se um cachorro come, fica louco”. A criança, quando é concebida, entra em contato “com o defeito do sêmen” e, dessa “corrupção”, nascem “leprosos e monstros”.

O infanticídio é, então, uma prática comum. Exceto para os judeus, que foram acusados de não matar seus recém-nascidos. O filósofo Filon Judeu, contemporâneo de Cristo (cerca de 20 a. C. a 50 d. C.), recrimina o assassinato dos filhos pelos pais (por estrangulamento, afogamento e abandono às feras), ao qual se refere como “um crime costumeiro em muitos povos em decorrência de sua desumanidade inata”.⁴

Só no ano 374, sob a influência do cristianismo, o infanticídio será legalmente definido como assassinato. Embora Elizabeth Badinter situe nos séculos XII e XIII a sua vigorosa condenação por parte da Igreja, junto com a “exposição” (abandono) e o aborto. Para se referir, com Philippe Ariès, à persistência de “um infanticídio disfarçado” ou “tolerado” até o final do século XVII.⁵

A partir do século XVIII desaparece, pelo menos do manifesto das teorias e práticas educativas, a malignidade natural da criança que parece ter marcado suas relações com o adulto desde a antiguidade pagã. Desaparece do manifesto, ou seja, é recalçado, o que nos libera de uma interpretação evolucionista na qual a criança, até então e supostamente pura encarnação do diabólico, teria finalmente se tornado inocente na Idade Moderna. Afirmar tal evolução corresponde a fe-

char os olhos para a hostilidade ao infantil latente no mundo contemporâneo, especialmente em nossas práticas e também nas teorias *psi* sobre a educação, bem como a negar manifestações afetuosas para com as crianças no mundo antigo. Clitemnestra jamais pôde perdoar Agamenon pelo sacrifício de sua filha Ifigênia, assim como Tieste só viveu para devolver a Atreu o mal que ele lhe causou levando-o a devorar seus próprios filhos. Ainda: a crucifixão do filho, que inaugura

Num cálculo abominável, vocês escavaram covas em vez de encherem os berços com filhos. É por isso que lhes faltaram soldados.”⁶

Quaisquer que tenham sido os motivos, o fato é que, por essa época, uma máscara de inocência virá jogar uma pá de cal sobre qualquer resquício manifesto da antiga hostilidade dos adultos para com *bis majesty*. Talvez sua escolarização, que data da mesma época, possa ter algo a ver com esse processo de be-
atificação.

canalítica que não tem recebido a atenção que merece. A segunda refere-se a um sentido que, no inconsciente, a humanidade tem atribuído ao *conhecimento* (pensamento, razão, ou atividade intelectual). A escola é uma instituição da cultura que articula o “infantil” e o “intelectual”; no inconsciente ambos estão muito estreitamente ligados ao feminino. Mais especialmente, à aversão que ele provoca.

“Santo Édipo”

O interesse de Freud em psicanalisar a cultura é tão insistente que não seria supérfluo tentar entender por quê.

É o que faz Renato Mezan em seu livro *Freud, Pensador da Cultura*, argumentando que a psicanálise da cultura é psicanálise. Mais do que isso, para este psicanalista a análise da cultura é “uma dimensão essencial da psicanálise”, um dos três domínios que a fundam, junto com o discurso dos pacientes e a auto-análise. Dentre outras coisas, a análise da cultura é uma via de diminuição da culpabilidade pelos próprios desejos inconscientes que, por esse meio, também podem ser reconhecidos nos outros - no gênero humano. E de universalização da prova, garantia da objetividade dos processos implicados no discurso que obtém no âmbito privado.

A descoberta de que as fantasias edípicas existem no inconsciente de pacientes e no próprio (analista), junto com o testemunho que vem da Grécia através de Sófocles, desaba as fronteiras entre o patológico e o normal, bem como as de tempo e lugar, provando ter um alcance universal.

Estamos muito longe da cultura como algo externo ao processo de teorização ou como um espaço de “aplicação” das doutrinas psicológicas. Ao contrário, para Mezan a referência cultural participa do “processo de invenção na teoria psicana-

O interesse de Freud em psicanalisar a cultura é tão insistente que não seria supérfluo tentar entender o porquê. É que a análise da cultura é uma dimensão essencial da Psicanálise.

nossa cultura, não é a imagem mesma dessa ambigüidade?

Badinter atribui a mudança na imagem da infância e da maternidade a motivos políticos e sócio-econômicos: a valorização da criança teria sido imposta pela necessidade do novo Estado burguês de acumular força militar e de trabalho.

Esse foi um argumento muito usado pela Igreja contra a contracepção nos séculos XIX e XX. O cardeal suíço Gaspar Mermillod disse aos franceses em 1872 no dia da Bastilha e numa referência à guerra franco-prussiana: “Vocês se afastaram de Deus, e Deus os atacou.

A psicanálise abala a inocência infantil numa demolição que arrasta os demais personagens da tragédia, para se estender às suas instituições: a família e a escola. O complexo de Édipo conspurca a pureza da criança com impulsos libidinais incestuosos e hostis. Ora, se não há pureza a preservar nem mônada a se abrir pela socialização, que função a escola poderia desempenhar na economia psíquica?

Duas estações se interpõem no trajeto que nos levará até as funções da escola numa perspectiva da psicanálise. A primeira diz respeito a uma certa dimensão da *criança psi-*

lítica como um dos seus momentos essenciais”. Ao longo da sua análise acompanhamos um Freud impedido por forças do seu inconsciente para as manifestações culturais.

E se não é possível compreender a concepção freudiana da cultura, se a intimidade dessa articulação não for levada em conta, é por-

ger o homem (e a mulher, evidentemente) das ameaças obscuras contidas no feminino, o qual se encarna não apenas no inconsciente das mulheres, mas igualmente no dos indivíduos do sexo masculino. Recordemos que em 1896 Freud escreve a Fliess que ambos os sexos procuram reprimir o feminino, (...)”.⁷

res contra a natureza”. Por isso Pélops o amaldiçoou, proibindo-o de engendrar um filho. Se o fizesse, o filho o mataria e seria causa das mais terríveis desgraças para toda sua família. Laio não deu ouvidos e, com Jocasta ou Epicasta, engendrou Édipo. O resto da história nós conhecemos bem.

Para Pierre Grimal, autor de *A mitologia grega*, uma tragédia não é uma narração, mas uma meditação sobre um episódio. A de Édipo continua a nos servir como farto material de reflexão sobre a criança na psicanálise. E, uma vez que ela não se confunde com a criança da cronologia, cujo desenvolvimento supõe que desapareça, refletir sobre a tragédia do rei de Tebas é refletir sobre o objeto mesmo da psicanálise: o inconsciente. As atitudes que o adulto toma em relação à criança, sejam elas terapêuticas, educacionais, institucionais, epistemológicas, não buscarão também responder àquilo que ela evoca no inconsciente dele?

Todo o gênero humano identifica-se, no inconsciente, com Édipo; é isso o que significa a afirmação freudiana da universalidade do complexo. Afinal de contas, em qualquer tempo e lugar o ser humano nasce de um homem e de uma mulher. O que cada um faz desse fato universal no seu mundo psíquico que, para a psicanálise é essencialmente um mundo de fantasias?

Para Freud o complexo de Édipo é sinônimo de complexo paterno. Logo, diz Conrad Stein, os desejos hostis, os desejos de morte que ele comporta, só podem estar endereçados a um pai. Muito embora Édipo tenha feito a Esfinge lançar-se no despenhadeiro, além de ter provocado a morte de Jocasta com sua insistência em prosseguir na investigação de suas origens. “*Santo Édipo*”, dirá Stein, que realizou um crime que a humanidade não cessa de repetir com a misoginia, definidora da cultura. É a *ela*, “sedutora perversa”, que le-

A análise da cultura foi, para Freud, um *locus* privilegiado, através do qual pôde elaborar um aspecto da feminilidade silenciado nos textos que abordam explicitamente a sexualidade: na idéia de natureza, estão projetadas dimensões do feminino que o retiram da esfera exclusiva da ternura.

que a análise da cultura foi, para Freud, um *locus* privilegiado, um meio através do qual o pai da psicanálise pôde elaborar um aspecto da feminilidade silenciado nos textos que abordam explicitamente a sexualidade. Mais do que simples ilustração dos conceitos e teses psicanalíticos, as obras da cultura permitiram a Freud avançar em sua auto-análise e, conseqüentemente, na construção de suas teorias.

Projetando na Natureza aspectos do feminino impensáveis na dimensão individual, diz Mezan, Freud abalou as identidades pai = agressividade e mãe = ternura. “A cultura aparece agora como um conjunto de meios para prote-

Chega a ser impressionante a solidez dessas identidades culturais. Tanto é que Freud negou a possibilidade de uma mãe ter sentimentos profundamente hostis a respeito de seu filho. Sendo sempre reticente em “admitir que uma criança do sexo masculino possa alimentar desejos de morte quanto à sua mãe”.⁸ Talvez o ventre seja menos paradisíaco e aconchegante do que sugerido pela *mãe suficientemente boa*.

Édipo, o “flagelo de Tebas”, nasceu como uma maldição que Laio havia recebido quando estava exilado em Élide. Aí ele se apaixonou pelo “jovem e belo Crisipo”, filho do rei Pélops, inventando “os amo-

vam as manchas de sangue que ele deixa pelo caminho.

Apesar disso, permanecemos tão cegos para o ódio (matricida) de Édipo quanto para o daquela outra criança, a criança da humanidade que é o “bom selvagem”. Esse mito foi inventado pelo Velho Mundo nos séculos XVI-XVIII, e é uma das inúmeras versões de uma Idade de Ouro original, infância do gênero humano que viveria numa fusão paradisíaca com a Mãe Natureza, perdida por causa de um traumatismo.

Mircea Eliade observou que esse mito é tão prenhe, tão profundamente entranhado no imaginário social, que resistiu até mesmo à oposição ferrenha que a realidade material lhe impôs: a descoberta de que o “bom selvagem” tinha paixão pela carne do semelhante. Esse “detalhe” surpreendeu muito o mitólogo. Como é que o inconsciente dos ocidentais poderia ter continuado a sonhar com um Paraíso originário numa Natureza maternal e generosa, se o “bom selvagem” pertencia a uma sociedade de canibais?

O cruel Brasil dos canibais.

“*Lá vem nossa comida pulando*”
Hans Staden

Não foi pouca coisa o horror suscitado pelo *cruel Brasil* nos primeiros europeus que por aqui aportaram. Nossos primeiros visitantes chocaram-se com um cenário de carne e sangue, que cuidaram de retratar em seus relatos de viagem e em suas gravuras de homens girando em espetos e crianças jogando bola com cabeças humanas.

Colombo, o Humano, já havia tentado resistir à conclusão inevitável que lhe impunha a visão de índios em quem faltavam uns “pedaços de carne”, nos quais o admirante se recusava a reconhecer os sinais da voracidade monstruosa. Contra a crescente evidência do canibalismo, ele se agarra com de-

sespero à palavra que o aproximava da Ásia – “povo do Grão-Cã” – para designar o “caniba”, afastando-se, por esse meio, da devoração dos semelhantes que a realidade canibal lhe impunha.

Distanciamento que os missionários conseguiram designando como “hóstia” a vítima do sacrifício antropofágico. Distanciamento. E aproximação: dessa forma eles reconheciam a semelhança entre seus rituais, ao mesmo tempo em que elevavam o canibalismo a um tom

mento que “foi visto o pai comer seus filhos e suas mulheres”.

Conforme observa a psicanálise, nosso inconsciente não é lá muito hábil em distinguir amar, comer, odiar/destruir. Do beijo à mordida a diferença não é apenas de grau? “Por que como crianças boazinhas, por quê? Porque eu as amo tanto!”, diz o ogro debochado do versinho.

Assim é o nosso *Édipo tupiniquim*, fundindo-se com o outro numa devoração incestuosa. *Como era gostoso o meu francês!* E

Permanecemos tão cegos para o ódio (matricida) de Édipo quanto para o daquela outra criança da humanidade que é o “bom selvagem”, mito tão entranhado no imaginário social, que resistiu à descoberta de sua paixão pela carne do semelhante.

mais espiritual, digamos assim. “Espelho aviltado do maior sacramento da religião cristã”, escreve o autor de *O Canibal*, os rituais antropofágicos evocam a Eucaristia, momento em que outra comunidade – a dos fiéis – come o corpo do Pai.

Séculos afora inúmeras crônicas de viagem, ensaios e gravuras acumularão imagens de selvageria do antropófago nu e incestuoso, lado a lado com uma felicidade paradisíaca, que desconheceria leis e limites. “Eles têm tantas mulheres quanto querem. O filho mistura-se com a mãe, o irmão com a irmã”, e tamanho era o gosto por esse ali-

como parece difícil digerir essa preferência da culinária brasileira pelo *outro à moda*!

Colombo descreve os canibais como seres que viviam “nus como suas mães os pariram”. A criança da humanidade vive numa cultura antropofágica. Eis o “fato histórico”, individual e universal, que o “bom selvagem” ilustra: todo indivíduo, sem nenhuma exceção, vive sob um regime matriarcal em sua infância mais tenra. Daí Bachofen tirou a inspiração para seu mito, escreveu Devereux no seu *Mulher e Mito*. Nesse regime “a vida é devoração pura”, diz Oswald de

Andrade. “A cultura matriarcal compreende a vida como devoração e a simboliza no rito antropofágico, que é comunhão”.²

Com esses “maus hábitos”, a “criança” americana parece especialmente dotada para evocar o terror que, no inconsciente, acompanha a dissolução de si no desejo incestuoso. Seu apetite voraz por carne humana atualiza o pavor arcaico do comedor-comido, do bebê que se alimenta da mãe, alimentando-a. A relação do colonizador com o “bom selvagem” é um exemplar singularmente “feliz” da oralidade reversível que a psicanálise situa nos confins da vida psíquica. Na origem da humanidade, nas origens da *nossa* humanidade, todos temos que nos haver com essa mãe devoradora. Para Conrad Stein e segundo Renato Mezan, “o verdadeiro medo não é o do pai castrador, mas o da mãe devoradora: o horror do incesto equivale então ao medo da morte”.³

Um mergulho no inconsciente mostra que nada tem de casual a imemorial identificação do feminino com o insaciável apetite do canibal.

“O canibal não fala de si, ele só fala de nós, o Canibal é nós”, diz Pierre Chaunu no Prefácio de *O Canibal*. Terrível jogo de espelhos no qual o Ocidente é obrigado a ver sua avidez guerreira, sua fome de poder e de riqueza. O feroz apetite sexual do canibal fascinará o Velho Mundo que o canibalizava... Enquanto lá longe, nas suas terras, *ele* devorava, com o fogo purificador, milhares de feiticeiras e *parteiras*⁴ que acusava de antropofagia.

Como naquele “culto” observado por Michelet, quem engole quem no caleidoscópio especular?

Ao descrever os canibais, o padre Jean-Baptiste Du Tertre chama a atenção para a raiva canina das mulheres, gluttonas ávidas que “mascam, remascam”, comprimindo a carne entre os dentes, e têm tanto medo de perder alguma coisa que

engolem até as gotas de gordura que pingam dos espetos.

Nada de novo numa descrição que se centra na eterna analogia da mulher com o “selvagem”.

XIX, Edmond de Goncourt anotará no seu *Journal* um caso contado pelo doutor Blanche, de uma senhora que parecia ser “perfeitamente sã de espírito” e que se queixava de ter

Em uma descrição que se centra na eterna analogia da mulher com o selvagem, o padre Jean Baptiste Du Tertre chama a atenção para a raiva canina das mulheres, gluttonas ávidas que mascam e remascam, não deixando escapar/perder nada.

Para o pastor Jean de Léry, essas *mulheres ávidas por carne humana* são o elemento de ligação entre a antropofagia do Antigo e do Novo Mundo. Cita três casos de antropofagia francesa, um dos quais teria sido presenciado por ele em 1573. E compara a feiticeira que teria protagonizado esse caso, com aquelas “selvagens de seios pendentes” que se acotovela à volta do moquém, de onde recolhem a gordura, lambendo os dedos.

Reconhecendo nas índias as “suas” feiticeiras, os missionários exportavam para a *terra brasílis* o processo de diabolização das mulheres que ia a todo *vapor* na Europa.

Gulosas e insaciáveis, não era a primeira vez que as mulheres eram associadas à antropofagia. Medéia é uma mãe ogra, e os ogros masculinos são raros, observa Delumeau na sua *História do Medo no Ocidente*. Nem será a última. No século

35 mil homens em seu ventre, dentre os quais um tagarela ...

O seio, a maçã, o prato

“Notem que não tenbo nada, absolutamente nada, de que me queixar da minha mulher, exceto pelo fato de ser mulher”

O. Mirbeau: *Rumo à felicidade*, 1887.

Não foi a voracidade de Eva que perdeu toda a humanidade?

De fato, sempre se soube que a “boca do útero” é insaciável, motivo pelo qual, precisamente, existem mais feiticeiras do que feiticeiros. Pelo menos é essa a conclusão a que chegam Sprenger e Institoris, os inquisidores autores do *Malleus Maleficarum*. Como o apetite da carne é insaciável nas mulheres, elas copulam até mesmo com demônios

para saciar sua lascívia. “E abençoado seja o Altíssimo, que até agora tem preservado o sexo masculino de crime tão hediondo: como Ele veio ao mundo e sofreu por nós, deus, a nós homens, esse privilégio”.⁵

A feminização da carne vem da antiguidade pagã com Xenofonte, Platão, Hipócrates e Aristóteles,

da sensualidade (*sensus*, corpo, apetite). Definindo o progresso como a renúncia ao sexo feminino pela transformação do masculino.

Os dois domínios da carne e da razão serão tão opostos e excludentes, quanto se desejaria que fossem os do homem e da mulher. A *mínima diferença* nesse caso

Feita do corpo de Adão que ela simboliza – da carne de sua costela - a mulher permanece presa do corpóreo que não pode transcender. Ela é um corpo.

para quem o prazer adoece o homem, sendo um sorvedouro da sua energia. O prazer - ou, as mulheres. Nesse caso a sinonímia se perde no tempo.

Que as mulheres sejam devassas, carnis, incontinentes, eis algo que a humanidade sempre repetiu. A identificação da mulher à carne domina a cultura ocidental e está na raiz da condenação do prazer como perigoso. Feita do corpo de Adão que ela simboliza - da carne da sua costela -, a mulher permanece presa do corpóreo que não pode transcender. Ela é um corpo. Mais precisamente, a mulher é o sexo e assim foi designada.

O filósofo Filon Judeu já havia identificado o homem no *Gênesis* como a razão (*mens, ratio*) desencaminhada pela mulher, encarnação

pode ser fatal para suas relações. Pelo menos é o que o nosso século anda mostrando.

Nossas ações são femininas ou masculinas, explicava Orígenes, “o mais significativo e o mais inclassificável Padre da Igreja antes de Agostinho”, segundo Uta Ranke-Heinemann; se forem corpóreas ou carnis, elas são femininas. Deus não se digna a olhar para o que é feminino e corpóreo. Por isso são homens, não mulheres, todos os que são apresentados aos olhos do Criador.

Pelos sentidos da carne o mal entra na alma e produz a desordem. A alma é arrastada e levada cativa, diz Jerônimo; tudo o que entra por essas portas “enfraquece a fibra viril da mente”.

Por ser expressão da carne o

bebê será, para Santo Agostinho, tão amaldiçoado quanto o filho de Laio pelo rei Pélops. Até o século XVII a pedagogia lembrará sua malignidade. Para o maior dos Padres da Igreja, cujo pensamento dominou o Ocidente desde o começo da era cristã até essa época, o marido ama o fato da esposa ser humana, “e odeia o fato de ser mulher”.

O prazer macula a criança contaminando-a com o pecado original. “Eis que nasci na culpa, minha mãe concebeu-me no pecado”. Esse versículo dos Salmos foi insistentemente repetido por toda a patrística desde Agostinho. Reinado absoluto do corpo, recusa do corpo em obedecer à mente, o prazer é um castigo que os homens receberam pela queda. Crime e castigo: com o prazer, as mulheres ganharam as terríveis dores do parto. Tão impura ficava a mulher que paria, que tinha que se submeter a um ritual de purificação antes de entrar na igreja novamente. E, antes de ser enterrada, se chegasse a morrer no parto.

Sorvedouro insaciável, “nunca uma mulher dirá: basta!”, repetirão os irmãos Goncourt no século XIX. O imaginário dos séculos XIX e XX não será menos misógino que o do tempo dos primeiros padres. Cesare Lombroso, cujo *La femme criminelle et la prostituée* teve uma influência enorme no final do século XIX, forneceria a base científica para a “oralidade abundante”, verdadeira essência da natureza feminina.

Eva, Salomé, a Esfinge, Pandora, Helena, Lilith, Medéia, as Erínias, Jocasta, Epicasta... a galeria das malélicas parece não ter fim. A Bíblia já não tinha declarado que “toda maldade é pequena comparada à maldade da mulher”?

Mãe-Eva-Salomé. Monstro-fêmea ávida de amor como a Esfinge que a sedutora perversa encarna nas origens da vida psíquica, introduzindo o seio entre o leite e o bebê e despertando sua voracidade. Como a maçã que Eva oferece a Adão, e o prato com a cabeça do Santo que a

sanguinária Salomé oferece à sua mãe. Sedutoras vindas das eras bíblicas, que outras mulheres melhor simbolizariam um feminino perigoso, cruel, canibal?

Daí as homenagens prestadas pela “fantasia interpretativa” de Conrad Stein a *Santo Édipo*, que realizou um desejo que é de todos nós, mas que deve permanecer irreconhecido, tal como em Sófocles e diferentemente de Homero, onde Epicasta morre, deixando ao filho Édipo “todos os sofrimentos que podem desencadear as Erínias de uma mãe” (*Odisséia*). Foi o que fez Clitemnestra com Orestes.

O julgamento deste no final da *Oréstia* testemunharia, segundo Oswald/Bachofen, a violenta transformação revolucionária vivida pela humanidade em sua infância que, numa luta obstinada, venceu o matriarcado.⁶ É pela destruição do feminino que o gênero humano sai do estado infantil natural e atinge a cultura.

Tal como a definiu Renato Mezan, a cultura é “sufocação do feminino contra o qual ela se erige em defensora”. O feminino é, dentre outras coisas, uma ameaça; contra ele, a civilização protege, e se protege.

No contexto do inconsciente a escola, instituição da cultura, adquire um sentido original. Através dela os humanos purificam-se do feminino, de modo a se aproximarem do deus Logos. O propósito das práticas ascéticas não é agradar os deuses mas atingir a própria divindade. O corpo e as mulheres, o corpo das mulheres, o corpo ou as mulheres, ou simplesmente “o feminino”, engole e domina a razão sendo um obstáculo ao pensamento e à co-habitação com os deuses.

O Santuário do deus Logos

“Se qualquer feminilidade é imoralidade, a mulher deve deixar de ser mulher... A mulher não preci-

sa *negar* sua feminilidade, assim como não precisa *afirmá-la*. Tudo quanto tem que fazer é *suprimi-la* em si mesma (...) ou seja, a mulher deve *desaparecer como mulher*”.

Otto Weininger

O feminino engole e domina a razão, sendo um obstáculo ao pensamento. É pela destruição do feminino que o gênero humano sai do estado infantil natural e atinge a cultura.

Que a aversão ao feminino seja onipresente na cultura, eis uma tecla tão insistentemente batida que não é o caso de tentar demonstrá-la mais uma vez. Embora sua presença seja virulenta no cristianismo primitivo e no período medieval, o ataque misógino é uma constante cultural. Ele avança como um exército sobre os campos da teologia, da medicina e da ciência, da mitologia e da filosofia, da arte e do folclore, regendo toda a cultura.

O que me interessa destacar é sua presença no supostamente asséptico domínio dos conhecimentos. Já que o exercício intelectual seria uma necessidade da vida in-

fantil que a escola viria satisfazer.

A mitologia que os homens criaram ao longo da sua história mostra que, tal como a região das Sereias que Ulisses atravessa, o domínio dos conhecimentos também pode levá-los à morte e à sabedoria. Território fascinante, o campo intelectual é capaz de produzir o encantamento mortífero da voz maravilhosa desses seres, que prometem o conhecimento aos homens e os arrastam para as “ossadas de corpos em putrefação, cujas peles se vão ressequindo”, amontoados em sua ilha (*Odisséia*).

Não foi esse o destino de Édipo que, desvendando o enigma da sua origem, levou Jocasta ao suicídio e provocou sua própria perda?

Ou ainda o do *Dr. Fausto* que, ao cabo de uma vida inteiramente dedicada ao conhecimento, foi obrigado a lamentar: “A tudo investiguei com esforço e disciplina. E assim me encontro eu, qual pobre tolo, agora. Tão sábio e tão instruído quanto fora outrora! (...) e chego ao fim de tudo ignorante em tudo! Coração a ferver! Para que tanto estudo!” (Goethe).

Destino funesto, o do intelectual. Não é ele o primeiro personagem a subir na *nau dos loucos* - barco criado pelo alemão S. Brant em 1494 que foi um sucesso enorme de publicação até o século XVII? Cercado por livros, o ridículo decifrador de enigmas veste um gorro de dormir para esconder suas orelhas de asno e, com um espanador, espanta as moscas que tentam pousar nos livros, conta-nos Alberto Manguel no seu *Uma história da leitura*.

Propriedade dos deuses, o conhecimento está proibido aos humanos. A apropriação indébita atrai a punição divina. Pandora, a primeira mulher, disseminou o sofrimento entre os mortais como parte do castigo imposto por Zeus pela transgressão de Prometeu, que lhes havia entregado o conhecimento. Adão e Eva foram expulsos do Paraíso por terem comido o *fruto proibido*...

árvore do conhecimento do bem e do mal, que estava junto à árvore da vida no meio do jardim do Éden.

A idealização do conhecimento vem de tempos remotos que, identificando-o com um bem divino, apontam para o desejo de imortalidade na busca intelectual. Ou, para o desejo de onipotência presente no desejo de saber. Conhecer é buscar parecer-se com os deuses, imortais. *E sem marcas do feminino.*

O ascetismo, ou, a castidade, é um ideal pagão que torna a existência incorpórea, imaterial, desencarnada. Na gramática dos sexos, vida celibatária significa recusa da feminilidade - em homens e mulheres. Por essa renúncia, Diótima pode servir aos deuses, tornando-se sacerdotisa. Atena não deve sequer seu nascimento à sexualidade feminina: ela não nasce do útero de uma mulher, mas irrompe como relâmpago da frente de Zeus.

“Mulher, o que há de comum entre ti e mim?” Essa frase de Jesus no Evangelho, tantas vezes invocada, foi admirada por Flaubert como a “mais bela” das frases elogeadas na História, “o grito do Pensamento puro, o protesto do cérebro contra o útero”.

No início da era cristã os Padres da Igreja exortam à castidade feminina, incitando as mulheres a recusarem a feminilidade. Jerônimo promete à mulher que deixar seu marido para abraçar Jesus, que “deixará de ser uma mulher e será chamada homem”, e no *Evangelho de Tomé*, Jesus diz: “Pois toda mulher que se fizer homem entrará no Reino dos Céus”.

O feminino sempre foi um *obstáculo* aos feitos mais elevados da alma e da razão. Só nos aproximamos do divino afastando-nos do corpóreo. Só nos aproximamos do deus Logos despojando-nos do feminino perturbador. A relação de exclusão entre a *ratio* e o *sensus* é imemorial. Tanto quanto o desejo de aprofundar o abismo com o fe-

minino ameaçador. Não foram tais poderes emanados do inconsciente que levaram os homens (e as mulheres, é claro) a trancarem as mulheres em casa, domesticando-as?

A regressão às origens - no caso, às origens da nossa cultura - mostra que a feminização da carne a fez *oposta* à razão - masculina, e gerada pela agressividade sublimada.

do inconsciente, se apresenta como *resistência* à objetividade, e que ele chamou de “obstáculo epistemológico”. São imagens e fantasias que jorram do inconsciente, encharcando as produções da razão.

As páginas dos alquimistas, por exemplo, mostram que eles não se defendem muito bem das tentações sexuais. Eles sexualizam seu

Interessado na relação que os homens estabelecem com seu saber, Bachelard inaugura a “psicanálise” do conhecimento, com o objetivo de revelar o inconsciente das várias regiões epistemológicas.

Interessado na relação que os homens estabelecem com seu saber, Bachelard cedo pressentiu a enorme contribuição da psicanálise para o domínio epistemológico, onde se alojam fantasias inconscientes cuja movimentação subterrânea o psicanalista pode acompanhar. Esse foi o programa que ele inaugurou com sua “psicanálise do conhecimento”, que tem por objetivo revelar o subsolo inconsciente das várias regiões epistemológicas.

Bachelard insistiu sobre a natureza essencialmente beligerante do pensamento, cunhando sua epistemologia de “polêmica”. Pensar é lutar e dominar aquilo que,

conhecimento a tal ponto, que somos levados a perguntar se as cenas descritas se passam no laboratório ou no quarto de dormir... Devido a tantas indecências manifestas é que a Alquimia, obstáculo para a constituição da química, preconiza a necessidade de pureza ou de purificação. “Percebe-se que tal purificação é feita por um ideal mais moral do que objetivo. Não tem o tom da purificação das substâncias da química moderna. É uma purificação que despreza o que rejeita. Maneja-se a escumadeira fazendo uma careta de nojo”, escreveu ele em *A formação do espírito científico*, cujo subtítulo é “Contribuição para uma

psicanálise do conhecimento”.

Essa inundação do trabalho racional pela torrente inconsciente é típica de toda ciência objetiva “nascente”. Os textos da ciência da ele-

um domínio da racionalidade, é necessário uma psicanálise. Toda cultura científica deve começar por uma “catarse intelectual e afetiva”. Por sua função purgadora, a psica-

cognitivos. Uma crítica da objetividade em filosofia. Caracterizada pelo ideal de objetividade, a filosofia encontra sua forma mais elaborada na teoria da objetividade de Kant, que se tornou “o paradigma moderno do conhecimento”. *A Crítica da Razão Pura* faz do conhecimento puro, purificado do empírico (suas “categorias”), a condição de todo conhecimento.

A hostilidade para com a sensualidade ou, o “impulso à pureza” que se realiza no ideal de objetividade, seria um “reflexo” da tradição ascética profundamente misógina das religiões antigas. As práticas ascéticas visam afastar os homens das mulheres para que eles possam atingir a imortalidade já que, como a terra, que é útero e tumba, as mulheres têm “covas nas vaginas”: sua sexualidade leva os homens a entrarem de novo no lugar de onde nasceram. A objetividade seria uma “reação filosófica à imortalidade” inaugurada por Platão, que substituiu a religião pela filosofia como prática de purificação, tal como o filósofo a identificou no *Fédon*.

Idealizado, cultuado como uma divindade, o deus Logos ganha, com a Escola, um templo destinado a sua adoração. Nesse contexto - do inconsciente - não é difícil vislumbrar os limites de uma instituição que se destina a oferecer o proibido, idolatrar o sagrado e transmitir o tabu. A forma hermética e esotérica de sua transmissão, que lembra o ensinamento alquímico, é o que basta para que realize a função escolar de co-habitar o divino. Mas o que é que os deuses interditam aos simples mortais, proibindo-lhes o acesso ao conhecimento? O que está proibido no fruto?

O sabá das feiticeiras

“Acreditar nos sonhos pondo fé neles, com orações, para saber as coisas por vir, ou ocultas, é pecado mortal”

A inundação do trabalho racional pela torrente inconsciente é típica de toda ciência objetiva nascente. Antes de qualquer empenho de constituição de um domínio da racionalidade, é necessário uma psicanálise.

tricidade do século XVIII também o confirmam. A hipótese por eles difundida, segundo a qual os eunucos seriam insensíveis ao choque elétrico, tem uma origem totalmente inconsciente na metáfora do calor. Inúmeras experiências “científicas” serão encarregadas de realizar a analogia entre o ardor elétrico e o sexual. É assim que, graças à eletrização proporcionada por uma máquina, vários casais conseguirão conceber depois de dez ou vinte anos de tentativas!

Mais do que relações entre os objetos, essas “observações” descrevem o inconsciente do observador. A via da interpretação objetiva está fechada, diz Bachelard, mas a da interpretação psicanalítica se escancara. Daí que, antes de qualquer empenho de constituição de

nálise pode levar ao ascetismo intelectual, definidor do pensamento abstrato. Mas o psicanalista terá mais trabalho do que pensa, se estender suas pesquisas para esses lados da vida intelectual.

A proposta bachelardiana, de *analisar* a resistência que o inconsciente opõe às construções objetivas, promove uma purificação diferente daquela dos alquimistas, cuja careta de nojo “despreza o que rejeita”. Levando a razão a triunfar sobre suas resistências, a psicanálise do conhecimento faz com que o obstáculo expurgado permaneça, na teoria, na condição de *erro retificado*, que constitui a natureza mesma do conhecimento científico.

Essa natureza ascética é a marca da filosofia estudada por Robin Schott em *Eros e os processos*

Confessional do século XVII
O deslocamento do “proibido” para o “fruto” envia-nos a uma outra dimensão do conhecimento que a sombra do deus iluminador oculta: o prazer oral que se aninha na incorporação intelectual. E que se liga ao prazer de combinar significantes enigmáticos, de misturar os ingredientes, cozinhar uma história, apimentar uma aula, acrescentar-lhe pitadas de humor, introduzir-lhe um bocado de vida, saborear uma exposição, degustar uma matéria, devorar um livro, ruminar uma lição, mastigar palavras...

Esse é também o prazer da feiticeira que manipula ingredientes mágicos no seu caldeirão, conforme aponta a análise feita por Mezan

mentos. Avançando até os confins dessa via nos seus *Freud, pensador da Cultura, A Vingança da Esfinge* e *Figuras da teoria psicanalítica*, Mezan trouxe à tona a aversão ao feminino que subjaz ao desejo de objetividade e que, em Freud, se encarna na imagem da feiticeira. No entanto, a feiticeira temida, é também invocada como protetora no combate que Freud trava com o enigma.

A hipótese que Mezan desenvolve em “Metapsicologia/Fantasia” é essencial para a compreensão do que é uma pesquisa em psicanálise. Longe do formalismo escolar, preocupado apenas com os resultados, diz o autor, uma investigação psicanalítica permanece atenta para

imaginária. Mas esse fio fantástico com o qual o trabalho do pensamento tece seus conceitos e teorias, só é acessível ao método psicanalítico (atenção equiflutuante, método associativo). “A hipótese que proponho é que, mesmo sob a dimensão mais abstrata dos conceitos teóricos, sujeitos às regras do pensamento racional que a psicanálise designa com o nome de ‘processo secundário’, continua a pulsar o lado plástico, sensorial, cênico, que ancora as produções do secundário no terreno movediço do processo primário”.⁷

Não há, pois, qualquer oposição entre a fantasia e a teorização (o registro abstrato). De sua perspectiva, a psicanálise pode “ver” a proximidade entre os registros conceitual e imagético, que Freud, por outro lado, insiste tanto em manter afastados. Muito embora a feiticeira não tenha nada “da racionalidade clara e distinta própria do deus Logos”; exatamente como a pesquisa em psicanálise, que se faz numa dança entre atividade teorizante e atividade imaginativa.

Dança que os cruzados da realidade tornaram-se exímios em paralisar na escola contemporânea,⁸ numa caça às bruxas que não escapa às crianças. Voltando de seu primeiro dia de aula, uma menina responde a seus pais, ansiosos por saberem se sua professora é boazinha: “Oh! Sim, ela é muito boazinha. Mas, é pena: ela não sabe cantar. Não sabe pintar. Não sabe dançar. Só sabe ler e escrever”, conta-nos Jacqueline Held no seu *O imaginário no poder*.

Por entregar-se ao bailado da sua imaginação, Menocchio, moleiro de Veneza, terminou executado pela Inquisição, lá pelo final do século XVI. Na segunda prisão, ocorrida quinze anos após a primeira, ele respondeu ao inquisidor, que lhe perguntara se ele fora interrogado anteriormente pelo Santo Ofício: “Fui chamado [...] e fui interrogado sobre o Credo e outras

Para Mezan, a disciplina freudiana obriga a epistemologia a repensar o problema da objetividade dos conhecimentos. De sua perspectiva, a psicanálise pode “ver” a proximidade entre os registros conceitual e imagético.

da fórmula freudiana que identifica a metapsicologia com a feiticeira.

Este filósofo e psicanalista já havia precisado cirurgicamente a contribuição da psicanálise para o domínio epistemológico, quando afirmou, na *Trama dos Conceitos*, que a disciplina freudiana obriga a epistemologia a repensar o problema da objetividade dos conheci-

os processos pelos quais tais resultados são obtidos. Dentre os quais ela necessariamente inclui o processo primário. O que implica definir uma pesquisa em psicanálise como um processo encharcado pela fantasia, que enriquece a teoria ao invés de empobrecê-la.

Isso significa que a construção dos conceitos tem uma dimensão

fantasias que me passaram pela cabeça por ter lido a Bíblia e por ter inteligência aguçada; mas sempre fui e permaneço cristão”. Depois, quando lhe perguntaram se ainda tinha dúvidas sobre as questões pelas quais fora condenado ele respondeu: “Muitas fantasias me pas-

dem nos banquetear com as fantasias que cercam a educação, para fazê-las dançar com suas teorias.

A interdição do deus Logos guarda como um tesouro a dimensão de encantamento do trabalho intelectual. Os que cruzarem essa fronteira serão confrontados com

No que poderíamos chamar de continente psicanalítico, a criança não é inocente, o adulto-sedutor está a léguas da beatitude, o conhecimento não é puro e a escola não serve somente para preservar a suposta pureza infantil, nem para socializar a criança.

saram pela cabeça, mas eu nunca prestei muita atenção e nem sequer ensinei o mal a alguém”.⁹

Nesse mundo da fantasia, a educação mal se distingue da religião e da maternidade. Por isso os professores tornaram-se alvo preferencial da crítica psicanalítica. Mergulhados nesse imaginário onde se alienam, dizem os analistas, os mestres realizariam sua onipotência na sagrada missão pedagógica, cabendo à psicanálise confiscar-lhes o pedestal da *ilusão*.

Mas queimar as bruxas não é a única maneira de fazer a psicanálise trabalhar na educação. Participando dos seus *sabãs*, iniciantes e iniciados, mestres e discípulos, po-

uma paisagem imaginária de instituições como a escola e a família, nas quais desaparece qualquer aura de santidade para todos nós, adultos e crianças. Nesse que é o continente psicanalítico, a criança não é *inocente*, o *adulto-sedutor* está a léguas da beatitude, o conhecimento não é *puro* e a escola não viria tão somente preservar a suposta pureza infantil ou socializar a criança, conforme argumentei em *Psicanálise e Educação. Laços Refeitos*. Mais precisamente, o adulto será santificado, a criança inocentada e o conhecimento purificado pelo *sacerdócio* da educação e da maternidade com todos os seus rituais. ■

NOTAS

1. Citado por E. Badinter, *Um amor conquistado. O mito do amor materno*, RJ: Nova Fronteira, 1985, p. 270.
2. Badinter assinala que, nessa época, houve uma “nova abordagem da paternidade”, que sensibilizou muitos pais. Trata-se da aproximação afetiva entre o pai e o filho que, no entanto, não foi generalizada ou obrigatória.
3. Era assim que o Bispo Juliano de Eclano chamava o Deus de Agostinho, “um perseguidor dos recém-nascidos, que lança ao fogo eterno bebês pequeninos”. Uta Ranke-Heinemann, *Eunucos pelo Reino de Deus. Mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*, RJ: Record: Rosa dos Tempos, 1996, p. 89.
4. Citado por Uta Ranke-Heinemann, *op.cit.*, p. 79.
5. E. Badinter, *op. cit.*, p. 42/43 e 141. E.P. Ariès: “Não se tratava de uma prática aceita, como a exposição em Roma. O infanticídio era um crime severamente punido. No entanto, era praticado em segredo, correntemente, talvez camuflado, sob a forma de um acidente: as crianças morriam asfixiadas naturalmente na cama dos pais, onde dormiam. Não se fazia nada para conservá-las ou salvá-las”, *História Social da Criança e da família*, RJ: Zahar, 1978, p.17.
6. Citado por Uta Ranke-Heinemann, *op.cit.*, p. 305.
7. R. Mezan, *Freud, Pensador da Cultura* SP: Brasiliense/Cnpq, 1985, p. 535
8. C. Stein, *As Erínias de uma mãe. Ensaio sobre o ódio*, SP: Ed. Escuta, 1988, p. 28. Ele continua: “Apesar de não ter jamais negado a existência destes desejos no menino ou no homem, é às meninas e às mulheres que ele constante e exclusivamente atribui, em seus textos, o fato de serem animadas por desejos de morte com relação a uma mãe”.
9. Essa dificuldade, humana por excelência, que é a digestão do outro - simultaneamente diferente e semelhante - foi por mim tratada em “O outro, nosso feijão com arroz”, Revista *Intermeio* Mestrado UFMS, CG, n.7, no prelo.
10. Oswald de Andrade: “Um Aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira”, p. 77; “O Homem Cordial”, p. 143, in *Obras Completas-6 - Do pau-Brasil à antropofagia e às utopias*, RJ: Civilização Brasileira, 1970.
11. R. Mezan, *Figuras da Teoria psicanalítica*, Ed. USP, Ed. Escuta, 1995, p.118.
12. “Em Colônia, de 1627 a 1630 quase todas as parteiras foram exterminadas. Uma entre três mulheres executadas era parteira”. Uta Ranke-Heinemann, *op. cit.*, p. 246/247.
13. *O Martelo das Feiticeiras. Malleus Maleficarum*, RJ: Record, 1997, p. 121
14. Vitória que Minerva decide, reivindicando a faculdade de julgar: “É privilégio meu dar a última sentença. Não tenho mãe a quem deva a vida. Favoreço o sexo viril. Sou completamente pela causa do pai. Não posso interessar-me pela sorte da mulher que matou seu esposo”. Nesse momento cria-se o voto de Minerva, que sempre favorece o réu (no caso, Orestes e o direito paterno). O coro das Eumênides se lamenta e acusa as divindades por mudarem o destino do mundo. As fúrias vingadoras da mãe que perseguem o matricida são consoladas por Minerva e acabam aceitando a mudança do poder. Oswald de Andrade: “Variações sobre o matriarcado”, *op. cit.*, p.202.
15. R. Mezan, *Figuras da teoria psicanalítica*, *op. cit.*, p. 9/10
16. M. N. Bacha, *Édipo de Quarentena. Escolarização da infância: a humanidade X (o ódio de) Édipo*, SP: *Estilos da Clínica*. Revista Sobre a Infância com Problemas, n.8, SP: USP, 2000, p. 112-133.
17. Citado por Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição - SP: Companhia das Letras, 1987, p.196 e 197.